

## **CONVIVER, CONHECER, APRENDER... UMA EXPERIÊNCIA DE CONVIVÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LIMOEIRO**

Coordenador: SUSANA CARDOSO

Autor: ALINE DE ABREU ANDREOLI

Este trabalho objetiva apresentar o PROGRAMA CONVIVÊNCIA DA UFRGS, especificamente a edição Convivência Quilombola - Verão 2007, realizada nas comunidades quilombolas de Casca (Mostardas/RS) e de Limoeiro (Palmares do Sul/RS). Visa enfatizar as experiências vividas entre os quilombolas do limoeiro e os conviventes da UFRGS, dando visibilidade às conexões de saberes que se estabeleceram. O Programa Convivência é uma ação permanente da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS sendo coordenado pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social. Participam estudantes, professores e técnicos administrativos, tendo a oportunidade de conviver com as comunidades rurais e urbanas da região da Grande Porto Alegre e do interior do estado, durante o recesso escolar - edição inverno e verão. O PROGRAMA CONVIVÊNCIA QUILOMBOLA-VERÃO 2007 teve o objetivo de promover e desenvolver ações educativas, culturais e científicas no convívio cotidiano com as realidades das comunidades negras rurais de Casca e Limoeiro, mantendo a indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa. Do encontro entre essas diferentes realidades e saberes, acadêmico e popular, buscou-se a valorização e a troca de experiências que requer uma correspondente mudança na Universidade no sentido da produção de conhecimento voltado para a transformação social. O programa dividiu-se em: Formação (11 e 12/01/2007), Convivência em Casca e Limoeiro (de 15 à 21/01/2007) e Avaliação (28/02/2007). Na formação, os participantes tiveram palestras sobre a situação histórica, cultural e sócio-econômica das Comunidades Quilombolas; orientação sobre como registrar dados sócio-econômicos e elaboração de relatórios. Esta foi ministrada por professores da UFRGS e convidados envolvidos com a temática quilombola. Além da presença das lideranças de Casca e de Limoeiro, relatando o dia a dia das comunidades assim como suas expectativas em relação ao Programa. A avaliação final ocorreu no dia 28/02/2007, os conviventes trocaram materiais (fotos, vídeos e relatórios) construídos a partir das experiências da convivência, bem como relataram as vivências mais significativas. A convivência propriamente dita aconteceu nos seguintes territórios: Comunidade de Casca - população composta por descendentes de 26 escravizados de Quitéria Pereira do Nascimento que em 1826, deixa-lhes por testamento a propriedade da terra. Atualmente vivem cerca de 400

pessoas, distribuídas em 87 residências. A comunidade do Limoeiro - um agrupamento de co-herdeiros de um grupo de 5 escravizados da Fazenda do Ipê de que receberam da S.<sup>a</sup> Gertrud Gomes, como testamento, 700 hectares desta Fazenda. Atualmente, vivem na localidade de Limoeiro cerca de 100 famílias. Nesta edição do programa foram para a comunidade de Limoeiro 9 educandos, 1 técnico e 2 professores. Sobre a convivência em Limoeiro podemos destacar os seguintes tópicos: o impacto da chegada; nossas expectativas e o que realmente encontramos lá; ações que realizamos e balanço final. A partir de agora, tentaremos reviver tal experiência. O impacto da chegada: Já na chegada - em almoço inicial na Associação - pudemos conhecer membros das famílias que iriam nos acolher, entre outras, a simpatia e o acolhimento eram visíveis. O primeiro contato foi mágico - parecíamos amigos há anos - os laços entre os estudantes e as famílias se estabeleceram rapidamente e, ao final do almoço - por pura afinidade - cada estudante escolhedor ou escolhido foi embora com sua nova família. Nossas expectativas e o que realmente encontramos lá: Pensávamos que quilombolas - por serem afro-descendentes, teriam sua cultura arraigada nas tradições africanas, na religiosidade, na culinária, na música ou nos costumes. Entretanto, percebemos um hibridismo cultural, no qual prevalece a cultura gaúcha: eram católicos; faziam comidas campeiras; ouviam músicas nativistas; plantavam, tinham gado; andavam a cavalo e se pilchavam. Outras características marcaram. A hospitalidade, percebida como construção peculiar e coletiva dos moradores dessa região, que atuam em constante harmonia com a natureza. As crenças bastante místicas como: bruxas, lobisomens, almas de escravos que amaldiçoavam tesouros, etc, apesar da prática católica. Conhecemos a dona Antônia - que revelou muito sobre o imaginário local - e a dona Teresinha que contava as histórias dos escravos fundadores do Limoeiro. Observamos ainda, que as palavras LOGO, FEDER e BANZO, possuem outro significado lá, respectivamente: à tardinha ou à noite, incomodar e louco ou doente. Ações que realizamos: Durante a convivência realizamos ações como: almoço inaugural (vide "o impacto da chegada"); oficina de parasitoses do prof. Wiest; reunião do DEDS com as prefeituras locais, para a formação de educadores da localidade para a inclusão da lei 10.639/2003; contação de histórias na casa da tia Antônia; visita a casa do tio Antônio; passeio coletivo; festa de São Sebastião; Baile e almoço final. A oficina do prof. Wiest consistia em identificar propriedades curativas nas plantas locais, fabricar xarope para vermes e xampu para piolhos e ao final cada morador levou um vidro de cada para sua casa. Enquanto participavam da oficina, nós passamos um filme para as crianças e fizemos uma exposição com os desenhos delas. No quarto dia de convivência, ocorreu na Associação, a reunião sobre a implantação da Lei 10.639, estavam presentes os prefeitos e os

secretários de educação de Palmares e Mostardas, além dos representantes do DEDS-UFRGS. A partir desta, articulou-se uma formação para toda a rede municipal de Palmares do Sul que ocorreu dia 13 de julho de 2007. Na mesma noite, fomos recepcionados na casa da tia Antônia, com um banquete, muita música, alegria e com estórias fantásticas. Passamos o sexto dia na casa do tio Antônio: vimos a vacinação do gado, almoçamos e andamos a cavalo. No sexto dia, no passeio coletivo: iríamos na Lagoa Azul, almoçaríamos na Festa de São Sebastião na Igreja do Bacupari, iríamos à tarde na Praia da Solidão e à noite bailaríamos com o Tchê Barbaridade, como choveu, almoçamos e bailamos como previsto, mas nada de praia nem lagoa. No último dia, o almoço de despedida, foi mais emocionante que o de chegada, pois não queríamos que os laços se quebrassem. Houve muitos depoimentos de estudantes e de moradores, alguns discursos e muita choradeira. Balanço final: que mudanças tal convívio nos causou? Essa comunidade apresentou um modo de agir coletivo que foi perceptível na sua forma acolhedora de nos receber, viramos seus filhos e irmãos, laços que perdurarão o tempo que quisermos. Aprendemos a rever conceitos e estereótipos. Sentimos na pele como acontecem as verdadeiras conexões, mais que de saberes: costumes, idéias, linguagens, valores éticos e morais, interpretações, vivências e, principalmente, sentimentos. Absorvemos incontáveis lições de vida, poucos dias foram suficientes para saber que faríamos parte daquele mundo e daquelas famílias para sempre, pois nos escolhemos mutuamente. Percebemos que a união de mundos tão diferentes só é possível através de um sentimento único: o Amor. Com certeza realizamos a reconstrução de nossa identidade, tanto no plano pessoal como no acadêmico, pois a partir desta convivência passamos a refletir sobre a importância da inserção dos conhecimentos populares, tanto nos currículos, com ações como a Lei 10.639, como na produção de conhecimentos, como os projetos de extensão, pois assim construímos diferentes saberes.